



São Paulo, 14 de julho de 2004.

## **COMÉRCIO VAREJISTA DE MATERIAL DE CONSTRUÇÃO E OS TRABALHADORES**

**Pulverizado, com uma grande concentração de empresas de pequeno porte - mais de 60% dos trabalhadores estão em estabelecimentos com até dezenove empregados -, mão-de-obra majoritariamente masculina, o ramo do comércio varejista de material de construção reúne, no Brasil, cerca de 586 mil trabalhadores, 200 mil deles no estado de São Paulo. No município de São Paulo são cerca de 30 mil assalariados com carteira assinada que, em 2002, se distribuíam por mais de 5 mil estabelecimentos. Mais de um terço destes trabalhadores têm nível de instrução equivalente ao fundamental incompleto e quase dois terços ganha até três salários mínimos.**

Estes dados fazem parte de estudo realizado pelo DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos – que compara o desempenho deste setor nos anos de 1996 e 2002. Para isso, foram utilizados dados da Associação Nacional dos Comerciantes de Material de Construção (Anamaco), da Pesquisa Anual do Comércio (PAC), do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – Caged – e a Relação Anual de Informações Sociais – Rais -, os dois últimos do Ministério do Trabalho e Emprego e informações relacionadas às homologações e rescisões contratuais efetuadas no Sindicato dos Comerciantes de São Paulo.

### **Introdução**

Uma característica comum ao comércio varejista é a pulverização, com uma imensa gama de empresas de micro e pequeno porte. O segmento de lojas de material de construção não foge à regra. Estima-se que conte com mais de 120 mil lojas espalhadas pelo Brasil, sendo a maioria delas de pequeno porte.

Da mesma forma que os outros segmentos do comércio, o ramo do varejo de construção tem atraído participação crescente do capital externo, seja através de aquisição ou fusão de lojas de grandes e médias redes, deixando de ser um setor predominantemente de capital nacional. Hoje, das cinco maiores redes duas são de capital francês e uma de capital nacional: Leroy Merlin, Telhanorte e C&C (fusão da Conibra com a Madeirense que adquiriu a Home Decor e Castorama), essa última líder do mercado.

Esse movimento de expansão das grandes redes através de aquisições e abertura de novas lojas, na visão de representantes do setor “transcende a retração econômica, pois se trata de uma briga por mercados, que exige ousadia”. Junto com esse fator, está, ainda, a estratégia de expansão dessas grandes redes que se ancora, também, na expectativa da retomada econômica e, conseqüentemente, na reativação do setor habitacional e na recuperação da renda dos trabalhadores.

Do ponto de vista do faturamento, segundo a Anamaco, o segmento faturou R\$ 32 bilhões em 2003. Essa associação estima que o setor movimenta cerca de 3,5% do produto interno bruto (PIB). Calcula, ainda, que mais de 70% da receita desse setor são provenientes da construção autogerida, ou seja, pessoas físicas. Isso significa dizer que as vendas dependem muito mais do movimento de construção e principalmente de reformas, do que propriamente das construtoras. Nesse sentido, é um segmento altamente sensível ao comportamento da renda da população.

Como era de se esperar, o fraco desempenho da economia no ano passado, e do comércio em particular, fez com que o faturamento do setor tenha encolhido cerca de 3,6%, ainda de acordo com seus representantes. Para 2004, a expectativa de crescimento econômico ao redor dos 3,5% deve refletir positivamente nas vendas do segmento. O desempenho das vendas no mês de maio (2,2% superiores às de maio de 2003) parece confirmar isso.

Em relação à ocupação, a PAC realizada pelo IBGE em 2002 (a última com dados disponíveis) estima que havia cerca de 586 mil pessoas ocupadas no Brasil em 2002 no setor, representando 13,5% dos ocupados no varejo. Para o estado de São Paulo, a pesquisa estimou um contingente em torno de 200 mil ocupados, o que correspondia a 14,2% da ocupação total no comércio varejista.

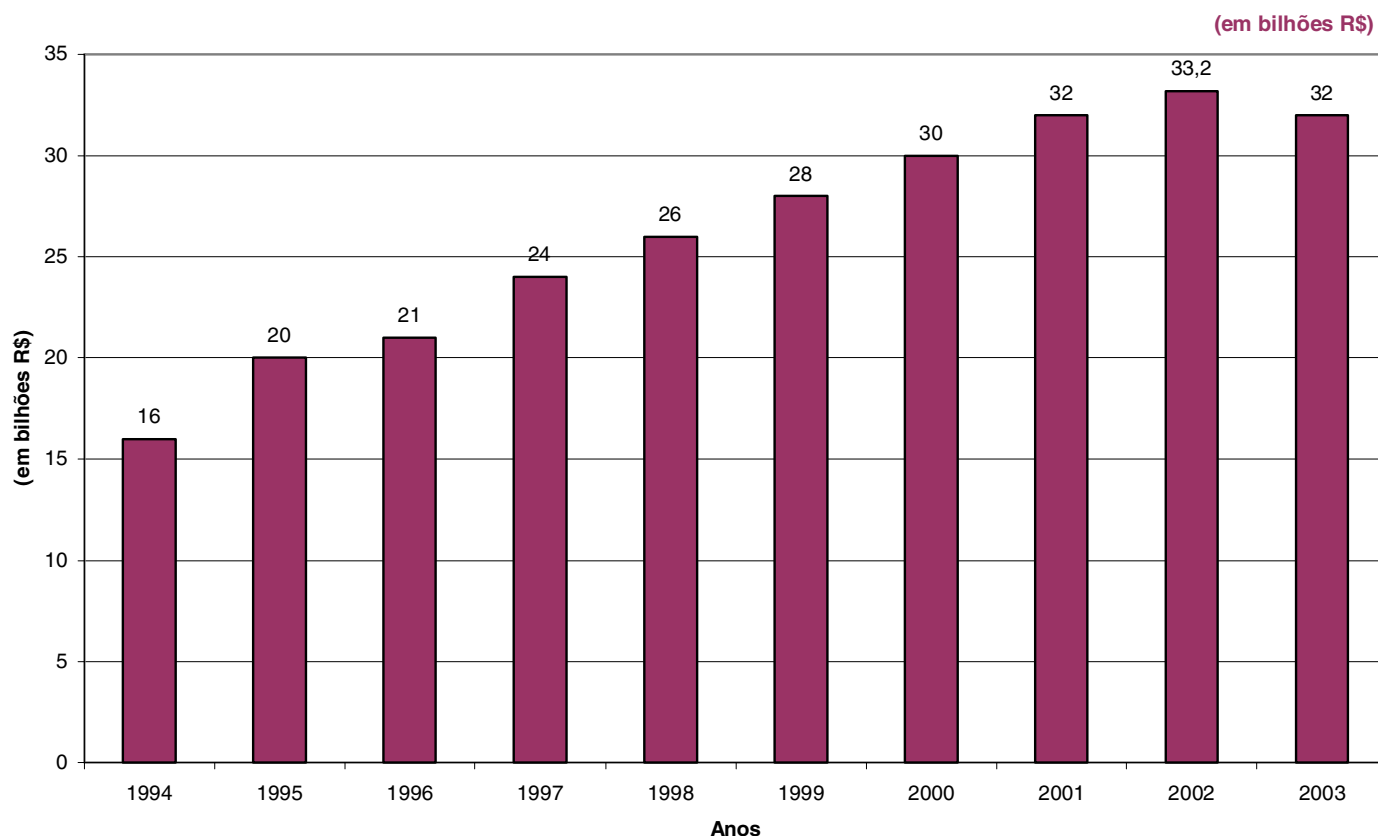
## Faturamento

A evolução do faturamento do segmento do comércio de material de construção, no período de 1994 a 2003, pode ser vista no Gráfico 1. Os dados demonstram que houve crescimento ao longo da década e, em muitos anos, há crescimento real. A exceção ficou por conta de 2003, que registrou queda da ordem de 3,6%.

O comportamento do faturamento está relacionado a uma série de fatores como: renda, preços, qualidade do atendimento etc.. Entretanto, um fator que tem contribuído para a alavancagem das receitas do setor é a escala. E essa parece ser uma estratégia das grandes redes, ou seja, preparar-se para a retomada do setor através da expansão do número de lojas e com isso, aumentar a escala e elevar as receitas.

Os dados da PAC para o Brasil demonstram que o segmento de material de construção ampliou sua participação nas receitas totais do segmento varejista. Em 1996, as receitas representavam 10,36% de todo o varejo e em 2002 esse percentual correspondeu a 12,1%. Para o estado de São Paulo, essa relação era 8,3% em 1996 e passou a ser de 11,8% em 2002.

**Gráfico 1**  
**Evolução do Faturamento das Lojas de Material de Construção**  
**Brasil - 1994 a 2002**



## Perfil Físico

O IBGE, através da PAC, estima que havia 1,057 milhões de estabelecimentos comerciais varejistas no Brasil, em 2002. Desses, 124,5 mil eram de lojas de material de construção. Já para o estado de São Paulo a pesquisa apontava respectivamente, 297,9 mil e 37,8 mil estabelecimentos de varejo e de lojas de material de construção, conforme consta da Tabela 1.

O que chama a atenção é o fato de, no caso do estado de São Paulo, ter havido uma diminuição de cerca de 20% no número de estabelecimentos de 1996 (47,3 mil) para 2002. Esse fenômeno muito provavelmente está associado tanto à crise econômica vivida nesse período como ao processo de concentração de mercado através da aquisição, fusão e do aumento do número de lojas das grandes redes. Isso porque, no segmento de material de construção o processo de expansão das grandes redes tem como contrapartida a diminuição relativa do número de pequenos negócios, da mesma forma que nos demais ramos do comércio.

**Tabela 1**  
**Número de estabelecimentos comerciais com receita de revenda por divisão de comércio, grupo e classe de atividade**  
**Brasil e Estado de São Paulo – 1996 e 2002**

Divisão de comércio, grupo e classe de atividade	Brasil		São Paulo	
	1996	2002	1996	2002
Total	1.141.947	1.279.843	349.486	373.240
Comércio varejista	964.880	1.057.208	288.558	297.942
Material de construção	111.760	124.503	47.342	37.783
Relação do setor de Material de Construção com o Comércio Varejista	11,6%	11,8%	16,4%	12,7%

Fonte: IBGE - Pesquisa Anual de Comércio  
Elaboração: DIEESE

No município de São Paulo, os dados da Rais indicam a existência, em 2002, de mais de 5 mil estabelecimentos comerciais que atuam no ramo de material de construção, com um crescimento de quase 30% entre 1996 e 2002 (Tabela 2).

**Tabela 2**  
**Número de Estabelecimentos no Comércio de Material de Construção**  
**Município de São Paulo – 2002**

Setor	1996	2002	Variação
Comércio	69.611	79.438	14,1%
Comércio Varejista	55.650	66.067	18,7%
Material de Construção	4.167	5.406	29,7%

Fonte: Rais Estabelecimentos 2002 - MTE  
Elaboração: DIEESE

Nota-se que a cidade de São Paulo contava em 2002 com 5.406 empresas comerciais de material de construção, devidamente estruturadas. Entre 1996 e 2002 o setor registrou crescimento de quase 30% no número de estabelecimentos.

## Ocupação e Emprego

Em 2002, a PAC estimou em 586 mil o número de pessoas ocupadas no comércio de material de construção no Brasil, número que correspondia a 13,5% do total de ocupados no comércio varejista, como mostra a Tabela 2. A ocupação entre 2002 e 1996 cresceu cerca de 52%.

A mesma tabela permite verificar que o estado de São Paulo contava com um contingente de 200,6 mil pessoas ocupadas em empresas de comércio de material de construção em 2002, que representavam aproximadamente 14% da força de trabalho ocupada no varejo paulista. Em igual período, o número de ocupados no estado evoluiu 67,9%.

No caso do município de São Paulo, a Rais, do Ministério do Trabalho e Emprego aponta a existência de 30,5 mil pessoas com registro em carteira em 31 de dezembro de 2002, atuando no varejo de material de construção. Em 1996, os registros apontavam 22 mil pessoas nessas mesmas condições. Há, portanto nesse período, uma expansão da ordem de 38% no número de pessoas empregadas.

**Tabela 3**  
**Pessoal ocupado em 31/12 em empresas comerciais por divisão de comércio, grupo e classe de atividade**  
**Brasil e Estado de São Paulo – 1996 e 2002**

Divisão de comércio, grupo e classe de atividade	Brasil		São Paulo	
	1996	2002	1996	2002
Total	4.858.020	5.943.100	1.553.501	1.907.300
Comércio varejista	3.464.473	4.354.030	1.077.480	1.412.195
Material de construção	383.495	585.909	119.491	200.620
Relação do setor de Material de Construção com o Comércio Varejista	11,1%	13,5%	11,1%	14,2%

Fonte: IBGE - Pesquisa Anual de Comércio  
Elaboração: DIEESE

### Tamanho Médio das Empresas

O comércio de material de construção é, predominantemente, constituído de pequenas empresas. Cerca de 22% dos trabalhadores deste ramo estão contratados por empresas que contam com até quatro funcionários, como mostra a Tabela 4.

**Tabela 4**  
**Distribuição dos Trabalhadores no Comércio de Material de Construção por Tamanho do Estabelecimento**  
**Município de São Paulo - 1996 e 2002**

Tamanho do Estabelecimento	1996			2002		
	Total	Na faixa	Acumulado	Total	Na Faixa	Acumulado
Até 4 trabs.	4.815	21,7%	21,7%	6.777	22,2%	22,2%
De 5 a 9 trabs.	4.486	20,3%	42,0%	6.394	21,0%	43,2%
De 10 a 19 trabs.	3.991	18,0%	60,0%	5.602	18,4%	61,6%
De 20 a 49 trabs.	4.166	18,8%	78,9%	5.372	17,6%	79,2%
De 50 a 99 trabs.	2.139	9,7%	88,5%	2.183	7,2%	86,3%
De 100 a 249 trabs.	1.557	7,0%	95,6%	3.469	11,4%	97,7%
De 250 a 499 trabs.	984	4,4%	100,0%	696	2,3%	100,0%
De 500 a 999 trabs.	-	-	-	-	-	-
Mais de 1.000 trabs.	-	-	-	-	-	-
Total geral	22.138	100,0%		30.493	100,0%	

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Rais- Lei 4.923  
Elaboração: DIEESE

Quando se consideram as empresas com até dezenove funcionários, constata-se que, em 2002, 61% da mão-de-obra estão em estabelecimentos desse porte. Por outro lado, se o critério para definir empresa grande for, por exemplo, possuir mais do que 250 empregados, verifica-se que apenas 2,2% dos trabalhadores encontram-se nessas empresas.

Da mesma forma que o comércio varejista, também o setor de material de construção se caracteriza pela predominância de empresas de pequeno porte. Os dados da Rais indicam que, no ramo de comércio de material de construção, essa presença é ainda maior. Isso porque, se no comércio varejista os estabelecimentos com até dezenove empregados representam cerca de 75% do total, no caso de material de construção esse percentual corresponde a 79% de todos os estabelecimentos do segmento.

## Gênero

A composição do emprego formal no comércio varejista do município de São Paulo se dá da seguinte forma: as mulheres são em média 40% e os homens são aproximadamente 60%. Assim era em 2002. No caso das lojas de comércio de material de construção há predominância absoluta das pessoas do sexo masculino, que são cerca de 80% contra 20% de mulheres.

**Tabela 5**

**Distribuição dos Trabalhadores no Comércio, Comércio Varejista e de Material de Construção segundo Gênero e Remuneração Média Município de São Paulo - 1996 e 2002**

Setor de Atividade	1996				2002			
	Feminino		Masculino		Feminino		Masculino	
	%	Rem. Média (em SM)	%	Rem. Média (em SM)	%	Rem. Média (em SM)	%	Rem. Média (em SM)
Total	39	5,0	61	6,4	39,4	3,7	60,6	4,8
Comércio Varejista	38,7	4,6	61,3	5,7	40,6	3,3	59,4	4,2
Material de Construção	20,5	4,0	79,5	4,3	19,7	3,0	80,3	3,2

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Rais - Lei 4.923

Elaboração: DIEESE

No tocante à remuneração, observa-se que a dos homens é superior à das mulheres. No comércio varejista a média salarial masculina foi de 4,2 salários mínimos, enquanto a feminina foi de 3,3 salários mínimos em 2002. Surpreendentemente, no segmento de comércio de material de construção a diferença entre os ganhos masculinos e femininos é relativamente pequena, pois enquanto a remuneração dos homens equivalia a 3,2 salários mínimos, a das mulheres correspondia a 3,0 (Tabela 5).

Entre 1996 e 2002, verifica-se redução nos rendimentos médios tanto no comércio em geral como nos demais segmentos. Especificamente em material de construção a remuneração dos homens era de 4,3 salários, enquanto a das mulheres registrava 4,0 mínimos.

## Escolaridade

Nos últimos anos, o nível de escolaridade dos trabalhadores no comércio de materiais de construção cresceu. Os dados da Tabela 6 mostram, por exemplo, que as faixas de menor escolaridade vêm perdendo participação relativa no conjunto dos trabalhadores. Se, em 1996, 51,7% dos empregados deste ramo tinham nível fundamental incompleto, em 2002 esse percentual corresponde a 34,5%. Por outro lado, a participação daqueles que têm mais anos de estudo ampliou-se.

**Tabela 6**

**Distribuição dos Trabalhadores no Comércio de Material de Construção por Sexo e Grau de Instrução e Remuneração Média Município de São Paulo - 1996 e 2002**

Sexo e Instrução	1996						2002					
	Feminino		Masculino		Total		Feminino		Masculino		Total	
	%	Rem. Média (em SM)	%	Rem. Média (em SM)	%	Rem. Média (em SM)	%	Rem. Média (em SM)	%	Rem. Média (em SM)	%	Rem. Média (em SM)
Letrado	0,4	3,5	2,4	3,2	2,8	3,2	0,2	2,6	0,9	2,6	1,1	2,6
Ensino Fundamental Incompleto	6,8	3,2	44,9	3,7	51,7	3,6	3,4	2,7	31,2	3,0	34,5	3,0
Ensino Fundamental Completo	3,6	3,5	16,1	4,0	19,7	3,9	3,4	2,5	20,6	2,9	24,1	2,9
Ensino Médio Incompleto	3,2	3,7	7,0	4,3	10,2	4,1	2,9	2,6	9,7	2,9	12,6	2,9
Ensino Médio Completo	4,9	4,6	6,6	5,9	11,5	5,3	8,3	3,1	15,1	3,5	23,5	3,4
Ensino Superior Incompleto	0,8	6,0	1,3	10,3	2,0	8,7	0,8	3,8	1,3	5,7	2,1	5,0
Ensino Superior Completo	0,8	9,8	1,2	15,2	2,0	13,0	0,8	6,8	1,4	11,3	2,1	9,7
Total	20,5	4,0	79,5	4,3	100,0	4,2	19,7	3,0	80,3	3,2	100,0	3,2

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Rais - Lei 4.923

Elaboração: DIEESE

A melhor ilustração para essa evolução encontra-se na participação dos trabalhadores com ensino médio completo (antigo 2º grau). Em 1996, esses empregados representavam 11,5% do total dos trabalhadores do ramo; em 2002, essa participação salta para 23,5%.

É interessante notar o que ocorre com a relação escolaridade versus remuneração. Embora o salário médio guarde relação de proporcionalidade com o grau de instrução, isto é, quanto maior a escolaridade maior tende a ser a remuneração, essa não evolui necessariamente na mesma proporção da escolaridade.

Um aspecto que merece ser destacado ainda em relação ao avanço da escolaridade é que, os trabalhadores que permaneceram empregados não necessariamente aumentaram os seus anos médios de estudo, e sim, aqueles que saíram foram substituídos por outros com maior escolaridade, fruto da rotatividade e da grande oferta de mão-de-obra. Para todas as faixas, entre 1996 e 2002, houve redução na remuneração, quando se considera o número de salários mínimos.

### Remuneração

A perda de rendimentos dos empregados do comércio varejista de material de construção no município de São Paulo entre os anos de 1996 e 2002 pode ser vista na Tabela 7. Seus dados demonstram que no período em análise, houve uma diminuição expressiva dos trabalhadores das faixas salariais mais altas e um crescimento daqueles de níveis salariais menores.

**Tabela 7**

**Distribuição dos trabalhadores no Comércio de Material de Construção por Faixa de Remuneração em Dezembro Município de São Paulo - 1996 e 2002**

Remuneração em Dezembro	1996		2002	
	Na faixa	Acumulado	Na faixa	Acumulado
Até 3 Salários Mínimos	43,2	43,2	62,5	62,5
De 3,01 a 4 Salários Mínimos	19,3	62,5	16,1	78,6
De 4,01 a 5 Salários Mínimos	13,8	76,3	7,8	86,4
De 5,01 a 7 Salários Mínimos	11,6	87,9	6,0	92,4
De 7,01 a 10 Salários Mínimos	6,0	93,9	3,0	95,4
De 10,01 a 15 Salários Mínimos	3,5	97,4	1,3	96,7
De 15,01 a 20 Salários Mínimos	1,3	98,7	0,3	97,0
Mais de 20,01 Salários Mínimos	1,3	100,0	0,5	97,5
Ignorado	0,0	100,0	2,5	100,0
Total geral	100,0	-	100,0	-

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego.

Rais - Lei 4.923 Elaboração: DIEESE

Dito de outra forma, se em 1996, 25% dos empregados encontravam-se na faixa de rendimento entre mais de 4 até 7 salários mínimos, em 2002 apenas 13,6% dos trabalhadores do ramo estavam no mesmo patamar. Já o percentual daqueles que percebiam até 3 salários em 1996 correspondia a 43,2% do total dos trabalhadores do segmento, e passa a representar 62,5% do total, em 2002.

Por outro lado, os maiores salários (acima de 15 salários mínimos) que em 1996 abrangiam 2,6% dos trabalhadores, passam a abranger apenas e tão somente 0,8% desses em 2002. Assim, todos os empregados que ganhavam mais de três mínimos tiveram a sua participação relativa no conjunto do emprego no setor diminuída nesse período.

## Rotatividade

Os salários normalmente são uma das vítimas da rotatividade, ou seja, os novos contratados geralmente entram ganhando menos do que quem foi substituído. A relação entre os salários dos empregados que foram desligados e daqueles admitidos comprova essa tese (tabela 8).

Considerando o salário do desligado em maio de cada ano igual a 100, nota-se que o admitido entra sempre ganhando menos do que aquele que saiu. Na verdade, a rotatividade é uma das formas que as empresas lançam mão para reduzir custos, e normalmente setores que têm rotatividade elevada pagam salários mais baixos. Em maio de 2003 foi apurada a maior diferença salarial entre quem foi contratado e quem saiu do emprego no ramo do comércio de materiais de construção.

**Tabela 8**  
**Relação entre os salários dos admitidos e desligados no comércio de material de construção**  
**Município de São Paulo – 1999 a 2004**

Meses	Admitidos	Desligados
Maio de 1999	88	100
Maio de 2000	84	100
Maio de 2001	86	100
Maio de 2002	88	100
Maio de 2003	78	100
Maio de 2004	84	100

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Caged – Lei 4.923

Elaboração: DIEESE

## Tempo Médio de Permanência no Emprego

Normalmente, a combinação entre as variáveis escolaridade e tempo de serviço é sinônimo de maiores ganhos do trabalhador, ou seja, quanto mais anos de estudo e maior o tempo médio de permanência no mesmo emprego, maior tende a ser a progressão dos rendimentos.

O tempo médio (medida de rotatividade) de permanência no mesmo emprego pode ser observado na Tabela 9. Constata-se que entre 1996 e 2002, poucas mudanças ocorreram no que tange à rotatividade do comércio varejista de material de construção. A distribuição entre as faixas de tempo de serviço registrou apenas ligeiras alterações.

**Tabela 9**  
**Distribuição dos trabalhadores no Comércio de Material de Construção por Faixa de Tempo de Emprego**  
**Município de São Paulo - 1996 e 2002**

Tempo de Emprego	1996		2002	
	Na faixa	Acumulado	Na faixa	Acumulado
Até 2,9 Meses	10,2	10,2	11,4	11,4
De 3,0 a 5,9 Meses	11,3	21,5	10,2	21,6
De 6,0 a 11,9 Meses	16,9	38,4	16,2	37,8
De 12,0 a 23,9 Meses	22,5	60,9	19,4	57,2
De 24,0 a 35,9 Meses	12,7	73,6	12,4	69,6
De 36,0 a 59,9 Meses	11,8	85,4	13,3	82,9
De 60,0 a 119,9 Meses	10,5	95,9	13,1	96
Mais de 120 Meses	4,1	100	4	100
Total geral	100		100	

Fonte: Rais 1996 e 2002 - MTE  
 Elaboração: DIEESE

Mesmo a faixa que individualmente reúne a maior quantidade de trabalhadores que é aquela que corresponde ao período de 1 ano a menos de 2 anos e, que em 1996 detinha 22,5% dos empregados, em 2002 reduziu a sua participação para 19,4%.

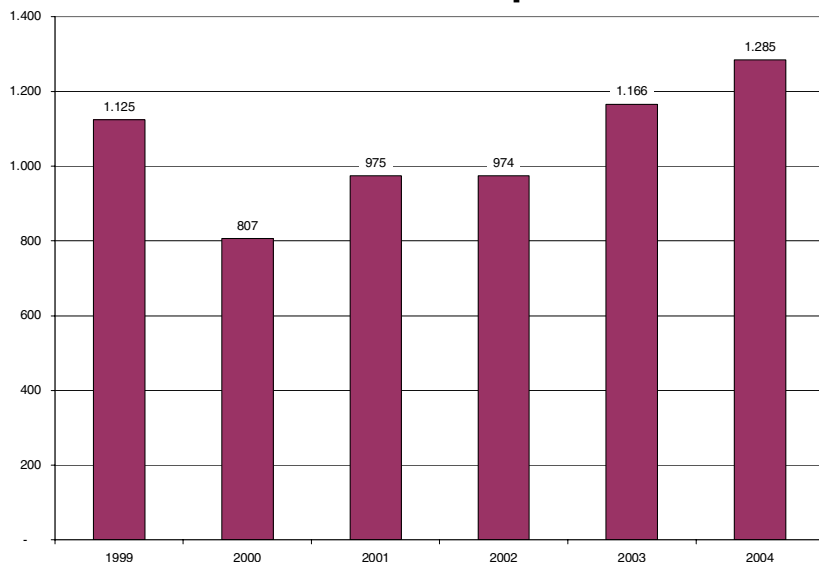
A análise dos dados evidencia que há uma elevação do tempo médio de permanência no emprego, pois diminuiu relativamente a quantidade de trabalhadores enquadrados nas faixas de menor tempo e, de outro lado, aumentou a parcela de trabalhadores que estão nos intervalos de maior tempo.

Dessa forma, nota-se claramente que houve um pequeno avanço na participação das faixas de maior tempo, por exemplo, quando se agrega faixa de tempo de 36 meses a 119,9 meses, que em 1996 abarcava aproximadamente 22% dos trabalhadores, em 2002 essa faixa passa a deter cerca de 26% do total dos empregados do varejo de construção.

**Movimento das Homologações**

As homologações e rescisões do contrato de trabalho dos trabalhadores do comércio varejista de material de construção paulistano, com até um ano de trabalho numa mesma empresa, realizadas no Sindicato dos Comerciantes de São Paulo, entre 1999 e 2004, podem ser observadas no Gráfico 2.

**Gráfico 2**  
**Evolução das Homologações(1) no Comércio de Material de Construção nos Primeiros Cinco Meses**  
**Município de São Paulo - 1999 a 2004**



Fonte :Sindicato dos Empregados no Comércio de São Paulo - Elaboração: Dieese  
 (1) Empregados com mais de 1 ano de tempo de emprego



Os dados demonstram que houve aumento considerável das rescisões contratuais nos primeiros cinco meses de cada ano, com destaque para o ano de 2004 quando ocorreu o maior número, com um crescimento de cerca de 10%, em relação a 2003.

A evolução das homologações, tanto para o setor de material de construção como para outros segmentos do comércio varejista, pode ser vista na Tabela 10. Material de construção é o quarto em número de homologações realizadas. Para o comércio em geral, o crescimento das rescisões no ano de 2003 em comparação com as do ano de 2002 foi de 31%.

**Tabela 10**  
**Evolução das Homologações realizadas no Sindicato dos Comerciários de São Paulo por Setor de Atividade**  
**Município de São Paulo - 1999 a 2003**

Setor de Atividade	Nº de Homologações					Variação			
	1999	2000	2001	2002	2003	2000	2001	2002	2003
Lojas em Geral	24.035	20.946	20.475	22.230	31.703	-13%	-2%	9%	43%
Gêneros Alimentícios	7.269	6.781	7.868	9.278	10.897	-7%	16%	18%	17%
Com. Veículos e Auto Peças	4.133	2.515	2.940	3.574	4.024	-39%	17%	22%	13%
<b>Material de Construção</b>	<b>2.048</b>	<b>1.684</b>	<b>2.276</b>	<b>2.614</b>	<b>3.163</b>	<b>-18%</b>	<b>35%</b>	<b>15%</b>	<b>21%</b>
Outras	1.084	217	416	621	548	-80%	92%	49%	-12%
Total	38.569	32.143	33.975	38.317	50.335	-17%	6%	13%	31%

Fonte: Sindicato dos Comerciários de São Paulo

Elaboração: DIEESE

(1) Empregados com mais de 1 ano de tempo de emprego

Em termos proporcionais, as homologações do segmento de lojas de material de construção representam cerca de 6% do total realizado pelo sindicato no ano de 2003. No entanto, do ponto de vista da variação das homologações, o setor está posicionado em segundo lugar, perdendo apenas para o segmento de lojas em geral, conforme demonstrado nas Tabelas 10 e 11.

**Tabela 11**  
**Proporção das Homologações realizadas no Sindicato dos Comerciários de São Paulo por Setor de Atividade**  
**Município de São Paulo - 1999 a 2003**

Setor de Atividade	Nº de Homologações					Proporção				
	1999	2000	2001	2002	2003	1999	2000	2001	2002	2003
Lojas em Geral	24.035	20.946	20.475	22.230	31.703	62,3	65,2	60,3	58,0	63,0
Gêneros Alimentícios	7.269	6.781	7.868	9.278	10.897	18,8	21,1	23,2	24,2	21,6
Com. Veículos e Auto Peças	4.133	2.515	2.940	3.574	4.024	10,7	7,8	8,7	9,3	8,0
<b>Material de Construção</b>	<b>2.048</b>	<b>1.684</b>	<b>2.276</b>	<b>2.614</b>	<b>3.163</b>	<b>5,3</b>	<b>5,2</b>	<b>6,7</b>	<b>6,8</b>	<b>6,3</b>
Outras	1.084	217	416	621	548	2,8	0,7	1,2	1,6	1,1
Total	38.569	32.143	33.975	38.317	50.335	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Sindicato dos Comerciários de São Paulo

Elaboração: DIEESE

(1) Empregados com mais de 1 ano de tempo de emprego

## Considerações Finais

A análise aqui desenvolvida permite que se tirem algumas conclusões. Sem nenhuma preocupação com hierarquizações, mas simplesmente buscando apontar tendências, observa-se que o segmento de material de construção vem seguindo movimento já verificado em alguns segmentos do varejo, que é a participação crescente do capital externo, a competitividade acirrada entre as grandes redes por busca de mercado e a concentração econômica.

Em relação à estrutura do setor, constata-se que ele se caracteriza pela forte presença de micro e pequenas empresas, onde cerca de 79% dos estabelecimentos empregam até 9 empregados, e 61% da mão-de-obra está concentrada em empresas que tem até 19 pessoas empregadas.

Do ponto de vista da ocupação, estima-se que, em 2002, o segmento absorvia aproximadamente 586 mil pessoas no Brasil, 200 mil no estado de São Paulo. No caso do município de São Paulo, havia nesse período 30,5 mil empregados formalmente.

No tocante aos salários, o setor registra remuneração abaixo da média do varejo. Em 2002 a remuneração média correspondia a 3,2 salários mínimos enquanto a média do comércio varejista era de 4,2 salários mínimos.

Os trabalhadores do ramo varejista de construção apresentam poucos anos de estudo. Os dados da Rais mostram que em 2002 quase 60% dos empregados tinham até o ensino fundamental completo (antigo 1º grau).

Os estabelecimentos de material de construção empregam majoritariamente homens. Em termos de gênero, a força de trabalho formalizada está assim distribuída em 2002, 80% são pessoas do sexo masculino e 20% são mulheres.

Uma das características do varejo é o elevado índice de rotatividade e o segmento de lojas de material de construção não foge à regra. Prova disso é que cerca de 38% dos trabalhadores permanecem menos de um ano no mesmo emprego.

As informações relativas às homologações realizadas no sindicato da categoria no município de São Paulo são outro indicador que corrobora essa tese da elevada rotatividade.